



JAIME

ILUSTRAÇÃO
PORTUGUÊSA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SECULO"

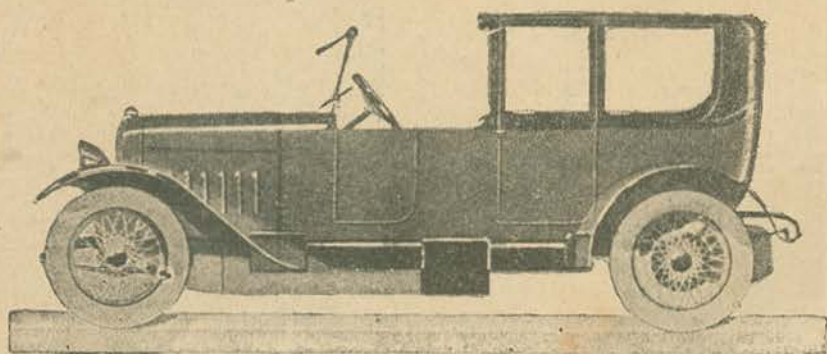
Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO, 20 ctv.

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguezas e Espanha:
Trimestre..... 2500 ctv.
Semestre..... 5000 " "
Ano..... 10000 " "

Redacção, administração e oficinas: Rua do Seculo, 43 — LISBOA

Automoveis Camions Omnibus



Resistencia

Economia

Elegancia

Agente Geral em Portugal e Colonias:

Agostinho Rios d'Oliveira

ESCRITORIO:

Rua do Crucifixo, 31-1.º

GARAGE:

Rua João Crisostomo, 72

Temos para entrega imediata todos os modelos desta acreditada marca,
que se encontram em exposição na nossa garage.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SÉCULO»

II Serie — N.º 784

Lisboa, 26 de Fevereiro de 1921

20 Centavos



A illustre pintora Sr.ª D. Eduarda Lapa de Sousa Caldeira, que em Coimbra realizou a sua exposição com unânime aplauso da crítica. («Cliché» Milton, Coimbra).

Cronica da Semana



ERÁ d'esta vez que um soberano visitará Sua Santidade? Noticia-se que o rei dos belgas está n'essa intenção, quando da sua proxima ida a Roma, apesar de se hospedar no Quirinal e os politicos de nome—não os portuguezes—já discutem acaloradamente a eventualidade, uns condemnando a visita, outros defendendo-a, com argumentos de igual força nos dois campos contrarios.

Os politicos portuguezes, como dizemos, mostram-se indifferentes n'este caso, ou, pelo menos, não se manifestam, e creemos que são eles os que seguem bom caminho. Na verdade, que importancia social, ou de qualquer outro genero, terá aquelle acto de cortezia? O Sumo Pontifice continuará a ser, como até agora, inamovível e o rei Alberto não verá diminuido nem augmentado no seu prestigio heroicamente conquistado. E' mesmo possivel que a Historia não inclua este passo na biografia do soberano belga, ou não lhe consagre mais do que estas simples palavras:—Foi a Roma e viu o papa.

Não é, efectivamente, uma gloria por aí além.

HA dias, n'uma palestra de bastidores, no teatro do Ginasio, um dos nossos artistas mais illustrados discutia com uma gentilissima e tambem muito illustrada colega a palavra «faceiro», se seria ou não de bom portuguez. Chamado um arbitro, este immediatamente foi da opinião da actriz, primeiro por dever de galanteria, ainda quando as senhoras não tenham razão, depois porque esta realmente a possuia, sendo muito de receber o raciocinio em que se apoiava; no Brasil, dizia ella, «faceiro» é da linguagem corrente—e logo veiu á conversação o amor com que n'aquella grande Republica se guardam os nossos velhos vocabulos, a propriedade com que se empregam e a guerra que lá se move aos estrangeirismos. Depois, falou-se na colocação ali dos pronomes pessoais, complementos átomos dos verbos e ainda o arbitro se não atreveu a discordar, pelo motivo apontado, mas agora que não está coacto dirá que «me faça, me diga», em vez de «faça-me» e «diga-me» são construcções crionlas, como tem sido notado pelos mestres da lingua, tanto portuguezes como brasileiros. Quanto á sua origem, accentuará, tambem com os mestres, que por enquanto é cedo para responder com acerto e que quando os filologos se resolverem a responder, ainda ficarão mil hipoteses por considerar e outras tantas duvidas por esclarecer, porquanto não ha ninguem que mais se pareça com um sabio do que um ignorante.

JÁ que do Brasil falamos, permita-se-nos a comovida transcriçáo d'um escrito que temos presente, graças á amabilidade d'um joven poeta paraense, atual-

mente em Lisboa, o sr. Castro e Souza, e que para as suas luminosas palavras chamemos a attenção de todos os portuguezes. São os «Dez mandamentos da Patria», redigidos pelo eminente romancista Coelho Neto:

1.º—Ama a Deus, amando a Patria sobre todas as coisas, por no-la haver Elle dado por berço com tudo o que n'ela existe, esplendor, cen, beleza, fortuna e terra.

2.º—Considera a bandeira como a imagem viva da Patria, prestando-lhe o teu culto, o teu amor, servindo-a com todas as forças do teu coração.

3.º—Honra a Patria do passado sobre o tumulto dos herois e glorifica a presente com a virtude e o trabalho, impuls-a para o futuro com dedicação, que é força e fé.

4.º—Instrue-te, para que possas andar por teu passo na vida e transmíte a teus filhos a instrução, que é o dote que se não gasta, o direito que não se perde, a liberdade que não se limita.

5.º—Pugna pelo direito que te confere a lei, respeitando todos os seus principios, porque da obediencia que se lhe presta resulta a ordem, que é a força suave que mantem os homens em harmonia.

6.º—Ouve e obedece aos teus superiores, porque sem disciplina não pode haver equilibrio. Quando te vires tentado, refugia-te no trabalho, como quem se defende do demonio atraz da fortaleza, que é o altar.

7.º—Previne-te, mocidade, economisando para a velhice, que assim preparada de dia é a lampada que te ha de alumiar á noite.

8.º—Acolhe o hospede com agasalho, oferecendo-lhe a terra, a agua e o fogo, sempre, porém, como senhor da casa, nem com arrogancia que o afronte, nem com submissão que te humilhe, mas serenamente sobranceiro.

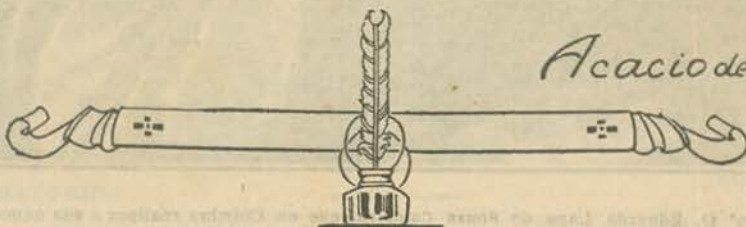
9.º—Ouve aos teus, que teem interesse no que te é proprio, reservando-te com os de fóra. Quem sussurra segredos, é porque não pode falar alto, e as palavras cochichadas na treva são sempre rebuços de idéas, que não se ousam manifestar ao sol.

10.º—Ama a terra em que nasceste, á qual revertêrás com a morte. O que por ella fizeres, por ti mesmo farás, porque és da terra. A tua memoria viverá na gratidão dos que te sucederem.

Estes «Dez Mandamentos» encerram-se em dois: Amar a Patria sobre todas as coisas e amar aos que comnosco trabalham para engrandecê-la.

Esta oração acha-se espalhada em todo o Brasil; não ha casa que a não tenha, nem ha brasileiro que a não saiba. Porque não havemos nós tambem de a decorar?

LONGE é um volume de versos de que é autor o sr. Gomes Ferreira e que se lê com intenso prazer. Cada um dos sonetinhos que o compõem é um pedaço do coração do poeta, batendo desordenadamente. Não de comprehende-lo todos os que sabem sentir.





Um ano que Julio de Castilho, o segundo visconde de Castilho, baixou a um gélido coval do cemiterio do Lumiar, le-

vando romanticamente sobre o co-
ração já frio o retrato do pai ado-
rado. Embora cumprissemos en-
tão o dever de o acompanhar á
ultima jazida, por um desabrido e
agreste dia de Fevereiro, é certo
que não pudemos assistir até final
dessa macabra scena bem digna da
imaginação dum Shakespeare. Lá
ficaram pois juntos, a decom-
pôr-se, um em vera effigie, outro
em cadaver e assim devia ser.

Em vida, de tal forma estavam
consubstanciados, que falar a Ju-
lio de Castilho era ouvir Antonio
Felleoano. No modesto eremiterio
do Lumiar dir-se-hia ter pairado
até os ultimos momentos de Julio
o espirito protector do pai. En-
contravamo-lo em retrato amoro-
sa mente pintado pelo filho, viamo-
los nas estantes dos seus livros,
nos volumes que manuseou, na
correspondencia que trocou, no
busto que no escritorio presidia
ás lucubrações literarias de Julio
e sobretudo, e principalmente, na
conversa do dono da casa.

Nunca discipulo algum respeitou mais a opinião do
Mestre; não é possível haver filho mais respeitador da
memoria do pai.

E foi devido a esse respeito, foi devido a essa admiração que estreitamente as nossas relações pessoais e literarias.

A livraria Ferin puzera patrioticamente no mercado a colleção «Grandes Vultos Portugueses», de enjardinação incumbira o autor destas li-
nhas. E pensarse naturalmente num volume sobre Cas-



Primeiro retrato de A. F. Castilho. (1816)

tilho, um dos grandes patriarcas do romantismo e naturalmente tambem se pensara no seu autor, o mesmo das «Memorias de Castilho». Não era verdade que Braz d'Albuquerque escrevêra os «Comentarios» do



OS DOIS CASTILHOS

pelo
Dr. Antonio Baião

Retrato de Julio de Castilho.
(Fot. de A. Barcia).

«terribil» Afonso, apesar de filho estremeado? Não era verdade que essa obra, quasi quatro seculos após, tão apreciada era, que urge fazer-lhe nova edição?

Corremos pois ao Lumiar; a Ju-
lio de Castilho sorri a ideia. Era
mais uma pedra para o monumento
de seu glorioso pai. E pedra bem
lavrada devia safr de mãos tão pe-
ritas. A breve trecho, porém, re-
considerou e eis como passados
dias comunicou a sua mudança:

«Men Ex.^{mo} Am.^o e Sr.

«E' a muito custo que escrevo
esta carta, porque é sempre penoso
a um homem desdizer-se; mas não
há remedio.

«Quando V. Ex.^a aqui esteve no
Domingo, pediu-me para eu escre-
ver um livro a respeito de meu
Pae, obra destinada á colleção,
que já começou a sair, da vida
de pessoas notaveis. Era-me tão
agradavel e sympathico o embaixador,
que a embaixada surtiu
optimo effeito, e eu annui. Annuí,
muito reconhecido á honra que
tão espontaneamente era feita ao
grande trabalhador, e não menos
grato á escôlha da minha penna;
em todo o caso (reconheço agora)
annui com certa leviandade.

«A meditação d'estes dias fez-me
ver com clareza as difficuldades
em que me ia encontrar enleado;
e espero não leve a mal a minha recon-
sideração.

«Escrevi as «Memorias de Castilho» em 11 volumes,
que estão sahindo no «Instituto» de Coimbra; sim, mas

aqui as venho expôr a V. Ex.^a com lisura e franqueza,
e espero não leve a mal a minha recon-
sideração. «Escrevi as «Memorias de Castilho» em 11 volumes,
que estão sahindo no «Instituto» de Coimbra; sim, mas
«memorias» são materiaes para a analyse futura do biographado, e não são propriamente critica. A largueza e amplitude do genero «memorias», as suas flutuações, os seus altibaiços, consentem bem uma penna filial; mas as peias do genero «criticaliteraria» as A. F. de Castilho, por M. M. Bordoal Pinheiro. difficuldades de esculpir em dimensões apertadas o medalhão exacto de uma figura historica, excluem as inevitaveis parcialidades de um coração de filho.



A. F. de Castilho, por M. M. Bordoal Pinheiro.

«Por mais que eu quizesse, por mais que forcejasse

ser imparcial, havia (mais ou menos) de revelar a minha admiração ao escriptor-mestre e a minha adoração ao homem bom, e isso desautorizava o livro.

Sabe V. Ex.^a muito bem, que meu Pae foi nos ultimos annos da sua vida atacadissimo por uma matilha de nescios, que em parte dão hoje a lei. Essa gente não tomaria a serio o meu escripto; e os proprios admiradores de meu Pae haviam de descontar 90 por cento no que eu dissesse de bem, só porque sou filho e representante d'Elle.

«Vejamos isto com frieza: um livro critico sobre Gil Vicente, escripto por um filho de Gil Vicente, não arrastaria as opiniões, não commoveria, como escripto por um extranho. Se esse filho porém se limitasse a «memorias», se apenas juntasse materias authenticas, factos, anedotas, minucias, seria bem vindo, escutado, consultadissimo.

«Ora bem; mas se eu me dou por suspeito, e peço excusa do encargo, não quer isto dizer que não auxilie com todas as forças a pessoa que me substituir.....

«Ao chegar a este ponto da carta, sinto os allivios que no traz a confissão. Comecei pelo «mea culpa», declarei o meu peccado, busquei-lhe o possivel remedio, e espero a absolvição. O que peço ao Padre é indulgencia.



Julio de Castilho leva Antonio Feliciano pelo braço.
(Desenho de Julio Castilho em 1888).

«Sou sempre

De V. Ex.^a
amigo e venerador
multissimo obri-
gado.

Lumiar, 20 de Se-
tembro de 1912.

Julio de Castilho

..

Bem indulgente foi o Padre — se indulgencia era precisa — pois, apesar da escusa de Julio, as relações entre os dois mais se estreitaram.

E agora, que a 30 de abril passa o aniversario do segundo visconde de Castilho, como vidamente recordamos os dois actos extremos da sua vida: os primeiros vagidos do «bambino» alvoroçando de alegria Antonio Feliciano ao sentir o seu primogenito e continuador da

sua obra, e a descida tragica de Julio á fria campa do cemiterio do Lumiar, por um desabrido e agreste dia de Fevereiro...



A. F. Castilho

Castilho aos 59 anos de idade.

Tem toda a oportunidade este artigo do illustre academico, sr. dr. Antonio Baião, director do Arquivo da Torre do Tombo. Na Associação dos Arqueologos inaugurou-se o retrato de Julio de Castilho e Gustavo Sequeira fez o elogio do que foi o grande amigo da cidade. Julio Castilho pela sua Lisboa Antiga e pela sua Ribeira de Lisboa tinha direito ao

preito e homenagem que hoje tributam á sua memoria e que o futuro tributará ao seu nome.— N. da R.

NOCTURNO V

POR

D. Maria de Lima Cruz

*E già sou quasi di cristallo i fiumi
E' u vece di l'erbeta, per le valli
Non se ved'altro che pruine e ghiaccio,
Et io nel cor, via più freddo che ghiaccio...*

PETRARCHA.

Doux mais sans lenteur. — Très soutenu dans l'expression.

(Le chant doucement en dehors)

p. Poutain

ce qui très peu - - - - - sfz.

M. Lima Cruz

The musical score consists of four systems, each with a piano part on the upper staff and a guitar part on the lower staff. The piano part is written in treble clef with a key signature of two flats and a 3/4 time signature. The guitar part is written in treble clef with a key signature of two flats and a 3/4 time signature. The score includes various musical notations such as notes, rests, and dynamic markings. Handwritten annotations in French provide performance instructions. The signature 'M. Lima Cruz' is located at the bottom right of the page.

O ESTRANGEIRO

INTERESANTE

No estrangeiro tudo como d'antes. Um campeão do «box» que vai lutar com Carpentier. Vae lutar, é claro, se lhe derem 300 mil «dollars», que é quanto pede.



to ha hoje, pois que todo o mundo vive na incerteza do seu dia de amanhã. Diz-se que se inventou um processo pelo qual o cinema passa a falar. E' a universalidade do cinema que se perde. Parece-nos.



Jack Dempsey, campeão do «box» que tenciona breve encontrar-se com Carpentier, o famoso pugilista francês.



Uma curiosa alegoria á subida do preço dos telefones em Londres (De The Bytander).

Carpentier é mais modesto no pedir do que o seu colega americano visto que lutará apenas por 200 mil. Duzentos mil «dollars» hoje é uma verdadeira fortuna. E aqui está, como ha quem enriqueça apenas a dar socos. Dnas atrizes curiosas e bonitas e três caricaturas com oportunidade.



Miss Gladys Purnell, que está em pleno sucesso nos teatros ingleses.



Ressa Parkel (de gitana), conhecida actriz de New York, que atualmente se dedica ao cinema.

A que se refere á subida do preço telefonico em Inglaterra, em que o suporte é feito com a indicação da libra, é bem um feliz achado. E nada mais, que é tudo quan-



No observatorio de Moscow

Trotsky. — E' a revolução mundial que começa. O sismografo registra um abalo na Inglaterra.
Lenine. — Não meu caro. Foi simplesmente a chaminé da ultima oficina de Moscow que acaba de desmoronar. (Do Kladderadatsch, de Berlim).

— Mamã! Quando é que eu terei idade Para usar assim saias curtas? (Do London Mail)

Figuras & Factos



1. O sr. dr. Azevedo Neves, director da Morgue e da Faculdade de Medicina, que na Sociedade de Sciencias Medicas fez um magnifico discurso inaugural sobre a medicina depois da guerra.



O sr. João Pereira, português muito considerado pelos dotes de caracter e intelligencia, recentemente falecido em New-York. Era filho do capitalista e proprietario sr. Antonio Pereira, de Veiros de Estarreja, onde a sua morte foi muito prantada.



3. Aspecto da exposiçao Léon Appert nas salas da Société Amicale Franco-Portugaise. O expositor e o artista Leal da Camara, ao fundo. Léon Appert tem varios trabalhos feitos em Portugal e ainda outros muitos feitos em Africa. Artista apreciabilissimo a sua exposiçao tem sido muito visitada. 5. Um quadro do artista sr. Léon Appert.



O poeta sr. Paulo Carique

SUPER-HOMEM

(INTERPRETAÇÃO)

AO ALVARO

*« Não quero mais pisar este caminho
Que vejo tão marcado de outros passos!
Quero chegar além de onde os cansaços
Levantam, caaa instante, um novo espinho.*

*Quero encontrar aquilo que adivinho
É que vive em misterio nos espaços!
Quero romper os escondidos laços
Que me prendem á terra, ao que é mesquinho.*

*Quero passar além / onde as pegadas
São raras, são antigas e apagadas
Pelos anos que passam e as consomem.*

*Que o sentir um verdadeiro Norte
É, na vanguarda, solitario e forte
Ensinar o caminho a qualquer homem.»*

AVEIRO

*Aqui, nes'a planura em que se encontra Aveiro,
É tudo encantador nas coisas mais sing'las!
Entre veraura, a ém, num socegado esteiro,
Deslizam, mansamente, umas pequenas vélas...*

*A transparencia, a côr, recordam aguarelas
Que animaz, aqui e a'ém, o vulto d'um saveiro...
A' tarde e ao desmaiar das ultimas estrelas
A voz dos rouxinóis alegra o espaço inteiro!*

*É as moças têm perfis com distincão e raça!
—Essa gente do povo, a gente iibeirinha...—
Um tipo defenido e uma infinita graça.*

*Com que leveza firmo aquela não cam'inha,
De olhar aberto e franco, em direcção da Praça,
Descalça, quasi pobre... e quasi uma rainha!*



COLETTE, « pou pée » da França, cartaz dos « boulevards », recebe-me no seu gabinete do « Matin », um gabinete discreto, fôfo, onde ela estiraça a sua indolencia de irmã gêmea dos « fauves »...

Colette é, tal e qual, sem tirar nem pôr, a senhora sua Arte. Os seus livros são as « robes » da sua Alma. A cabeça — uma obra prima — é a « Vagabonde » do seu corpo — a pagina de Colette que leva mais tempo a ler. Os cabelos cortados, em furia, são cabelos leoninos, ferozes, que nos embaraçam os sentidos... Os olhos, creiam-me, ora são castanhos, ora cinzentos, ora verdes, ora azuis: lembram « placards » luminosos, a desorientarem a noite, mudando de côr, de segundo a segundo. O seu nariz sensual de narinas latejantes, é a escada que liga os seus labios aos seus olhos... A boca é sua rentada, maldosa, homicida, uma boca de amolar tesouras e navalhas... Todo o seu rosto, aliás, a afuselar-se, a adalgaçar-se, até á ponta do queixo, muito afiada, é um punhal — o unico punhal com que eu, talvez, me suicidasse...

A's minhas primeiras palavras de a miração, Colette oferece-me « bombons », rola-me a boca... Eu, porém, continuo, implacável:

— Eu tenho pela Colette uma girandola de sentimentos: estimo-a, admiro-a, tenho por si a ternura dum irmão mais novo...

Colette fita-me, com aguda ironia; os seus olhos boqueiam os meus, violentamente, interroga-me, enfim, com um fingido espanto:

— O quê? Isso é verdade? O senhor admira-me assim? — Provei já exuberantemente, essa admiração, numa conferencia que realises em Lisboa, sobre a sua obra...

Colette, a piruetar no café conc' do seu rosto a pantomima do espanto, grita-me então, em alvoroço:

COLETTE-POUPÉE

DA FRANÇA

por ANTONIO FERRO

— Não diga mais... Suspenda! Pare! Não ha mais remedio... E' forçoso... Se me admira tanto, deixe-me pôr pó de arroz... — Acho bem... O pó de arroz é a sua tinta de escrever... Eu preciso, justamente, que a Colette me faça um prefácio para a minha conferencia... Colette olha-me com

pavor, ergue as mãos e suplica-me:

— Não seja mau, não seja cruel... Não me obrigue a escrever... Que mal lhe fizeram os meus dedos?

— Umaz linhas, umas simples linhas...

— Linhas?... Quer umas linhas? Mas como? Como? Apesar de ser mulher, não sei cozer, não sei dar um ponto...

— Não se preocupe... Escreva o prefácio, que eu ponho a pontuação...

Nesta altura abre-se a porta, Henri Duvernois o «compère» da revista « Vie Parisienne », grande amigo de Colette, interrompe-nos o dialogo. Eu, que admiro o autor da « Crapotte », da « Nounette », da Giselelle — « Grimaces Parisiennes » — vejo-o entrar com uns olhos, com pessimos olhos. E' bem uma entrada fóra de tempo. Começo a desanimar do meu prefácio.

Colette, entretanto, embau leira em arco, para receber Duvernois:

— Seja bemvindo, querido amigo... Diga-me antes de mais nada... Que tal me acha? Estou bem, estou Colette?

Duvernois tranquilisa-a:

— A Colette é, em todas as horas, um « vient de paraitre »...

Duvernois convida Colette para ir passar a noite do tal dia em casa não sei de quem... Colette esquivar-se, alegu-lo que hi nessa casa uma mulher, dum si ad tentadora... Tem má li de lá ir. Esquecem-me um ponto. Longo de me susceptibilisar, ponho-me a saborear

esta hora, como quem lê um volume de capa amarela, em que tenham colaborado Colette e Duvernois — o «compère» e a «commère» da «Vie Parisienne»... Eternas almas de vinte anos embrulhadas nas serapilheiras dos corpos confessam um ao outro o seu pavor de envelhecer. Colette, maternalmente, obriga Duvernois a sentar-se, poisa-lhe as mãos no rosto, a contar-lhe as rugas...

O gabinete de Colette é o palco das «Folies-Bèrgères». A porta por onde, ha pouco, entrou Duvernois abre-se outra vez, para deixar passar um fotografo com o respectivo aparelho.

—Então?...—grita-lhe Colette...
—Tudo estragado...—responde o fotografo, no gesto de quem vem anunciar a Colette a sua propria morte...

—E agora?
—Tira-se outro retrato...

—Aqui mesmo?...

—Porque não?...

O tempo dum pose, uma venia do fotografo, e a porta fecha-se novamente, como um parentesis: Colette e Duvernois deslumbam-se agora um ao outro com os «cadeaux» que receberam pelo ano novo: uma palmtoria, um pesa-papeis, uma bengala, um serviço de chá...

A revista prossegue, o autentico «Paris qui jazz»... Desta vez é Rosine quem entra, a «Rosine do Matin», muito «rosine», bastante «matin»... Colette apresenta-m'a, como quem mostra um «bijou», um «cadeau» do ano novo.
—Rosine, a minha colaboradora.

—Antonio Ferro, o meu poeta.

Rosine, fragil, delicada, como um calix de Murano, sorri, ruborisa-se, rosa-chá a vestir-se de vermelho. Estende-me, com cautela, com muito cuidado, os dedos cristalinos, no receio infantil de os quebrar...

Duvernois dirige a Rosine o convite que faz a Colette, o convite para um baile. Rosine — filha, filhinha mimalhada de Colette — ergue para ela os olhos purinhos — purinhos por fóra — e pergunta a medo, com trémulos na voz:

—Madame Colette... Eu poderei dançar?

Colette, séria pela primeira vez, esmagando a pobresinha com o peso dos seus olhos, responde bruscamente:

—Veremos, veremos depois... Ainda não sei se vou...

Rosine sal. Os «compères» continuam... Colette abre uma gaveta e mostra-nos os retratos do actor que vai interpretar Cheri, em cinema. Pergunta-nos a nossa opinião. Eu não acho bem. Aquele «Cheri» parece-me demasiado masculino. Quanto a mim, só uma rapariguinha vestida de homem poderia interpretar Cheri — talvez Rosine...

Novo numero. O continuo anuncia a Colette uma senhora que tem grande urgencia em lhe falar. Colette zanga-se, barafusta, põe a cabeleira em sarabanda, vai ella propria ao patamar pôr a tal senhora com dono... Ficamos sós, eu e Duvernois. Falamos de Colette, da sua vida, de Willy, cujo nome ella hoje não pode ouvir, sem que os seus olhos fuzilem o atrevido num processo sumario. Colette regressa, metade indignada, metade satisfeita, com o seu temperamento ás riscas, como sempre.

—Calculem... Uma senhora que quer vender uma pérola... A minha celebridade, para ella, é conhecer Cartier — o ourives... Lá lhe dei uma carta de apresentação, não por ella, mas pela filha que trazia — uma tangerina apetitosa...

—Uma pérola que a Colette talvez comprasse... —comento eu com a cara mais inocente que tenho ali á mão...

Henri Duvernois retira-se, finalmente; vai fazer estudos para os «boulevards»... Fico só com a Colette que resolve entreter-me a impaciencia do prefacio, mostrando-me fotografias suas, ella e a sua pantera Batou em varias posições, estiracadas pelo sobrado, a pantera ao colo de Colette, etc., etc...

—Veja, veja meu amigo... Que bela!... Como eu adoro os «fauves»...

O meu dedo minimo, o meu dedo «gavroche», ardina, garoto de jornais, desliza, malicioso, pelo retrato de Colette, e obriga-me a segredar-lhe:

—Eu prefiro este «fauve»...

Mostra-me uma fotografia tirada em Trouville, na praia, ella, Robert de Jouvenelle, a filha, Carco todos em trajes de banho — Colette sobre a areia, pernas ao léu, abertas em compasso, uma grande bola nas mãos...

—Vê!... E' assim que nós somos ao pé do mar...
—Não admira... Com o mar não ha cerimoniais... Ele está sempre nu...

Colette mostra-me ainda, com ternura, com uma saudade em flor nos olhos umidos, uma fotografia da sua infancia, aos dezoito anos, uma grande cabeleira a tocar no sobrado, a gata «Fanchette» a seus pés; noutro plano — Willy e a sua barba, aquella barba negra que anoiteceu em certa hora, a vida encolhada de Colette...

—E' o retrato de Claudine, não é verdade?

—O retrato dum pobre rapariga, sem aspirações, bem socogada, «pot-au-feu», quasi semsaborona... Como eu tenho saudades desta cabeleira que acompanhava fielmente, o meu corpo, que me vestia toda... Estou uma velha... não imagina como é doloroso envelhecer sempre «coquette»...

—Envelhecer! Não está a falar de si, com certeza. A Colette sempre que escreve um livro, nasce outra vez...

—Veja agora o retrato de minha filha. Que linda, não é? Está em Limgoes e parece feita lá, não é verdade? Falou-me ha pouco, pelo telefone. Não imagina que alegria tive. A voz de minha filha rejuvenesce-me, é a minha mocidade...

Acabaram-se as fotografias. Aproveito a abertura, para lhe trazer alguns trechos da conferencia. A certa altura, detem-me com esta frase:

—Não continue... Eu não tenho o direito de ouvir o que me está dizendo...

Desobedecendo-lhe, leio-lhe ainda o final da minha conferencia, o confronto entre a arte de Colette e a bandeira da França... Esta passagem enternece-a:

—E' muito belo... Como eu, pobre burguesa, admiro essa mulher de quem o senhor fala...

Insisto pelo prefacio, peço-lhe que escreva ali mesmo algumas linhas...

—Aqui?... Por amor de Deus... Tenho vergonha. Eu escrevo de alma despida... Tranquilise-se... Receberá amanhã algumas palavras minhas. Como recordação, para fixar esta hora, aqui tem o meu retrato e o da minha pantera...

—Colette e a sua arte. A arte de Colette é uma pantera caseira...

São. São seis horas da tarde. O «boulevard» acrobata as primeiras luzes. Ha «clowns» nos cartazes. Ouve-se Paris rugir, nos autobus, nos taxis, nos electricos.

Os corpos a latejar procuram-se uns aos outros: ouvem-se beijos nos olhos. Paris é uma mulher de cabeleira fulva, de olhos cruéis, abertos, como precipicios, o queixo em raspadeira, um sinal no rosto, como um pingo de lacre... Paris é uma mulher — Paris é a Colette!



Colette (retrato da escritora pintado pelo dramaturgo Henri Bataille)

VIDA SOCIAL

Homenagem ao consul de Hespanha em Paris e aos oficiais italianos.



D. José Cubas, novo consul geral de Hespanha em Paris.



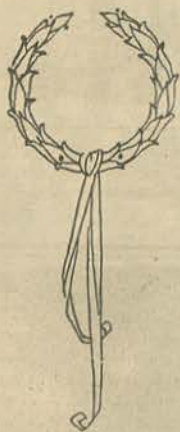
Aspecto do almoço oferecido pelo sr. ministro de Hespanha ao consul geral, D. José Cubas, no Avenida Palace.



Os srs. ministros de Italia e de Hespanha confraternisando, após os almoços ao sr. D. José Cubas e á officialidade italiana, no Avenida Palace.

Assistencia ao almoço oferecido no Avenida Palace, pelo sr. Oscar Bottino, á officialidade dos navios italianos surtos no Tejo.

UMA
GRANDE
ARTISTA
DA
MUSICA



A
GENIAL
LEA
BACH



Lea Bach, por João Maria Arnaldo Ressano.

RECORDAR a estada em Lisboa de Lea Bach é reviver um delicioso momento de fino prazer artistico.

Como d'um instrumento tão simples se pode tirar tanto efeito, transmitir tamanha soma de sonoridade a ponto de, bastas vezes, se julgar ouvir uma orquestra? O poder do talento, a força da arte. E esse talento e essa arte Lea Bach os manifestáva com uma virtuosidade que nos fazia compreender a veracidade da lenda de David, arrastando o povo, desferindo as cordas...

Lea Bach por duas vezes nos visitou. Esteve já em Lisboa: no S. Luís e no Politeama. Não só os amadores a festejaram: o publico sentiu-se dominado pelo artista. Lá de fóra, chegam os ecos da sua viagem triunfal pelas diferentes capitais europeas.

O mesmo côro de aplausos, a mesma admiração.

E' que Lea Bach não se contenta tambem com os louros recebidos, Não deixa de estudar, não deixa de praticar: — podendo por isso considerar-se hoje como a rainha da harpa.

Ninguém como ela tira de cada corda o som proprio, ninguém como ela executa o «glissando». Não tem trechos especiaes — as diferentes composições, que poderiam parecer anadaptaveis, ela as faz realçar e como que escritas expresso.

E, depois, a harpa é um instrumento de elegancia, precisando de belas figuras para a não desmerecer: Maria Antonietta, a princesa Lambale, a rainha D. Maria I, lhe assinalaram uma epoca brilhante.

Todos se lembram do ambiente d'arte



Algumas caricaturas de Lea Bach. Uma caricatura austriaca.

que Lea Bach sabia crear: a escuridão na sala; no palco um grande candelabro sobre uma mesa; um tom-de sonho, onde o vestido negro da harpista, apenas cortado pelo escarlate d'uma rosa, completava o rhembrantesco do quadro! E a musica divina transportando a assistencia aos paramos do ideal. E a mulher e a harpista se identificavam.

Lea Bach está atualmente em Bruxelas e os jornaes de musica veem cheios de referencias elogiosas á sua arte tão subtil e tão requintada, que o publico lisboeta só fugazmente appreciou. Pouco tempo se demorou entre nós a grande artista a quem agora a «Ilustração»

se refere, na certeza de que os leitores d'ela se recordam com saudade.

Lembrando-a hoje nestas paginas, uma só coisa nos resta dizer: que os votos de todos são para que ela de novo nos venha proporcionar os momentos que jámais esquecem.

J. P.



Lea Bach (Caricatura alemã).

PELAS PROVINCIAS — Festa elegante em Vila Real



As sistencia á festa elegante da sr.ª D. Saudade Corrêa de Matos, a que assistiu a melhor sociedade Vilarealense.

(«Cliché» Miguel Monteiro)

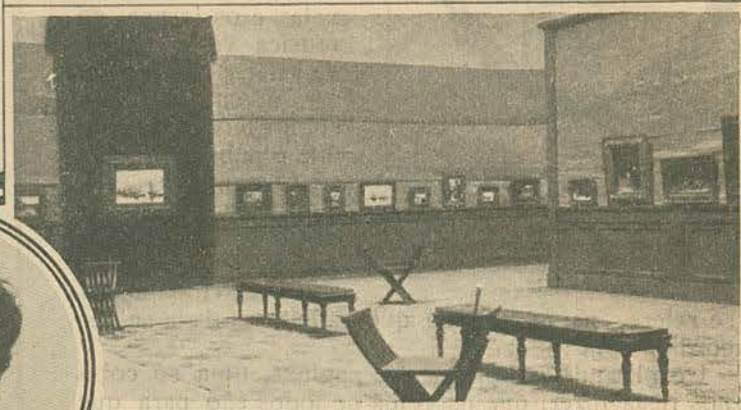
“VIDA ARTISTICA”

Na Sociedade Nacional de Belas-Artes

Na Sociedade Nacional de Belas Artes realison o sr. Hygino de Mendonça, com sua filha, a sr.ª D. Henriqueta de Mendonça Cardoso, a sua exposição de pintura, que tem sido muito visitada.



O sr. Hygino de Mendonça, pintor e autor dramatico, que expõe, com sua filha, na Sociedade Nacional de Belas Artes. Sr.ª D. Henriqueta de Mendonça Cardoso.



Aspecto da exposição Hygino de Mendonça.
Retrato da minha prima M. D. H. de M., por D. Henriqueta M. Cardoso



«Inverno sem ventos», por H. de Mendonça.

VIDA LITERARIA -

Gente namorada é o titulo do novo livro de Henrique Lopes de Mendonça, nosso illustre colaborador e o distinto homem de letras, que todo o publico tanto aprecia.

Livro encantadoramente escrito, cheio de vida e de emoção, constitue o sucesso literario da semana. Trabalho notavel a todos os respeitois, é uma obra que ficará perduravelmente na nossa literatura.

O *Calvario* é a peça de Afonso Gaio, que subiu á scena no Teatro Nacional e a que varios incidentes cortaram a vida scenica. Todavia, é um trabalho literario valioso, que só honra o seu autor.



O sr. Afonso Gaio.



Henrique Lopes de Mendonça.



O artista portuense sr. João Teixeira dos Santos, que na Liga Naval fez a



sua exposição de bronzes artísticos.—Alguns dos bronzes expostos.



5. O distinto pintor sr. Alves Cardoso, que trabalha atualmente nas telas destinadas ás salas do Parlamento. :

VIDA MUSICAL



Varella Cid—1.º premio de piano do Conservatorio de Lisboa e pensonista do Estado.

No Havre causou o maior successo a apresentação, no salão de Festas da rua Lord Kitchner, dos artistas portuguezes Varella Cid e Raul Costa.

Pianista um, violinista o outro, primeiros premios do nosso Conservatorio, souberam impôr-se e rapido conquistaram os maiores elogios e applausos. Além de varia musica classica, que todo o mundo conhece, os artistas portuguezes tocaram musica portuguesa: «O Fado», de Rey Colaço, e a «Cantiga de Amor», de Viana da Mota, em que foram enormemente applaudidos.



Raul Costa. — 1.º premio de violino do Conservatorio de Lisboa

Vida militar.

AS FESTAS DO 4.º ANIVERSÁRIO DA ORGANIZAÇÃO E MOBILIZAÇÃO DO BATALHÃO DE SAPADORES DE CAMINHOS DE FERRO E A DO TRIÂNGULO VERMELHO, NO PORTO



Grupo tirado após o jantar dos oficiais do B. S. C. F. Entre outros os srs.: ten.-coronel Raul Esteves, capitães S. Pimentel, Abrances, Amado e Graça, tenentes Lobão, Cymbron, F. Mendes, B. Viana, Accaioli, Abrantes, A. Ferreira, Ligorio, Crespo, Vilar, C. Alves, Marcial, Melo, Bastos, Loureiro e F. Deusdado e alferes Almeida Neto, Veloso, Mendes, Saigweiro, Lopes e Amaral. «O Jornal» fez-se representar pelo sr. Mario Barros, que durante a greve ferro-viaria esteve encarregado da reportagem.



A festa do Triângulo Vermelho, no Porto. A assistência: 1. O sr. comandante interino do Reg. de Inf. 6. — 2. Sr. W. H. Stallin, s. Secretario Nacional. — 3. O sr. Inspector de Infantaria. — 4. O sr. tenente coronel Pires Monteiro, governador civil do Porto. 5. O sr. P. R. Costa. — 6. O sr. Orton S. Clark, secretario geral no Porto. — 7. Alferes sr. Sousa Rosa. — 8. O sr. comandante efectivo ao Reg. de Inf. n.º 6. — 9. O sr. Eurico de Figueiredo, secretario assistente do T. V. no Porto. 10. O sr. Antonio Tavares, presidente da Associação Cristã da Mocidade (Triângulo Vermelho) do Porto. — 11. O sr. A. Maxwell Wright. — 12. O sr. A. K. Foulson. — 13. O sr. comandante da Guarda Republicana do Porto.

O Seculo Comico

SUPLEMENTO
NUMERICO DE
O SEculo



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43. — Lisboa

FEIRA DE LISBOA



Oferecendo:

— D'isto, como temos grandes stocks, damos tudo de graça...



PALESTRA AMENA

As andorinhas

Chegou ha dias ao nosso patz, inda agazalhar-se no Lumiar, o primeiro casal de andorinhas, pruniciando a primavera e acerca da chegada já os prolos geramam comovidamente. Não fomos dos primeiros a sanda-lo, porque esta folha é semanal, mas não seremos dos ultimos e aqui nos teem as g-ntis avesinhas a desejar-lhes uma estada muito feliz entre nós, que bem a merecem.

As andorinhas são, como é sabido nascidas e criadas em Portugal; emigram quando por cá lhes cheira a inverno, mas como boas patriotas, dê p r onde dor, regressam invariavelmente quando o tempo começa a aquecer e, por consequencia, quando n'elas desperta a vontade de fazerem ninho. Por mais boatos que lá por fóra corram a deprimir-nos, por muito baixo que esteja o cambio, por muito altas que estejam as substancias, elas não se importam: confiadas em que ninguem lhes fará mal, porque o povo as conhece por «galinhas de Nossa Senhora» e tem por elas um respeito religioso, como tambem em nada nos prejudicam, veem, alojam-se, cruzam o nosso ceu azul com alegria, acasalam, põem os ovos, chocam-os e teem aqui os filhos, mostrando-se muito honradas por elles nascerem em Portugal.

Em todo o caso assalta-nos de quando em quando uma duvida sobre a preferencia de que somos alvo. Pois não seriam igualmente respeitadas onde passam o inverno, pois não ha logares da terra onde o verão é permanente, o que as dispensaria de longas viagens, gratuitas, é certo, mas nem por isso menos fatigantes? Se procurarmos outros motivos para tal escolha, além dos apparentes, é possível que os encontremos.

Ora vejamos. Uma das primeiras necessidades de todo o ser é o abrigar-se das injurias da natureza, isto é, o homem, como todos os animais, necessita de casa ou coisa que o valha; as andorinhas não são excepção e tanto que logo que chegam a Portugal começam a construir os seus encantadores abrigos de todo nos beirais dos telhados. Pois é por aqui o caminho. Onde encontraríamos aqui as aves mais lodo e de mais plasticidade do que o que temos em Portugal? E não é necessario ir buscar-o longe, em ext-nuantes jornadas; não o temos só nos campos, como tambem nas cidades e aldeias, em cada rua, ao pé de cada porta. Outras comodidades e melhores achariam as andorinhas n'outros paizes, mas tanto lo o é que não.

E aí está, provavelmente, o motivo por que veem cá teimosamente e porque este ano vieram mais cedo do que o costume: porque o lodagal em que todos nos estamos enterrando é formidável.

J. Neutral.

Dormindo

Os deputados italianos é que a sabem toda. Querem ver para que lhes serve o edificio das Côrtes? Leiam este telegrama:

«ROMA, 17.—Um grupo de cem deputados dirigiu-se ao Governo pedindo-lhe que lhes proporcione alojamento, porque se veem actualmente obrigados a dormir nos salões do Parlamento».

E' de supôr que o Governo lhes não faça a vontade, porque não será facil encontrar melhor alojamento para os pais da patria—mas aqui ha uma lição a tirar, e vem a ser que na Italia é aos governos que se recorre quando não ha casas para alugar, o que é natura-



lissimo, porque os edificios do Estado só durante algumas horas do dia servem para servico do mesmo Estado, ficando disponiveis para qualquer outro durante o resto do tempo.

Não sabemos se o Estado italiano cede os seus edificios gratuitamente; o nosso, porém, como mais pobre, poderia auferir bem bons lucros d'essa maneira, ainda que não levasse rendas muito subidas.

Imaginem quanto daria S. Bento bem aproveita-lo como hotel para pernoitar ou dividilo em quartos para pouca permanencia!

Torre de Chifre

Relembrando

Recordas-te por acaso
Dos nossos juramentos
Soltos nos momentos
Em que o sol era no occaso?

Recordas-te do que nos dizia
A ave no espaço azul
Levada para o sul
Ao esmorecer o dia?

Recordas-te d'aquela brijo
Que nos labios me deste
A sombra do pinheiro agreste
Com o mais intimo desejo?

Ah! não te recordas não!
Pois se te recordasses
Tahas lagrimas nas faces
E sangue no coração!

Eu é que não me esqueci
Nem nunca me esquecerei
Por ti decerto morrerei
A' campa deseearei por ti!

Casimiro Sanches

Correspondencia

FELIX—Não sabemos se é o Teles Meireles natural de Estarreja. Se não é, parece, pela estupidez.

ROSA F.—Outra m'nina que quer fazer versos, em vez de pontear as meias dos manos.

E um acoitinho, vai?

L. S. (Coimbra)—Estude e deixe-se de lirismos, que não são eles que lhe hão-de dar de comer.

S. FARIA TORRES.—Publicamos só uma das suas quadras, porque não ha espaço para mais.

Ela aí va:

*Marília não me desprezes
Que eu tambem te não desprezo;
Ao rosario que tu me rezes
Eu vivo constantemente preso!*

Que beleza!

Anuncios curiosos

Fazer graça com anuncios dos jornais é velharia, bem se sabe, mas nem sempre se pode resistir. Ora vejamos o que se lia no «Jornal», do dia 18.

«Gato — Precisa-se aliado ou nas condições que se combinam, de preferencia branco para acasalar com gata da mesma raça e côr».

Sabemos que responderam nada menos de 4.877 bichanos e que os 4.876 que foram regeitados pela gata, autora do anuncio, teem travado por esses tehlados combates rehididissimos, como devem ter notado pelos desesperados



mians que a toda a hora se escutam. Quanto ao preferido encontrámo-lo hontem ao sol, com o ar apouquentadissimo de quem media a responsabilidade do que tinha feito. Instado por nós, confiou-nos as suas preocupações de chefe de familia, pai não sabe ainda de quantos filhos—n'estes tempos em que um carapan custa uma fortuna!

Outro anuncio da mesma folha, no mesmo dia:

«Jazigo—Vende-se ou troca-se por um luxuoso.»

Es:á-se a ver que se trata de cadaver novo-rico.



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Zefa du mé curasão.

Lansso mão da penna pra te disijar qui estas duas rogras te vão incutrar de flis caude i mal ós caxopos i touda a ubrigassão i inlão voute dezer que acesti ó tal «Tremidor» nu triado da Trendade cujo aquelle é uma grandessima pessa in vinte cuadros, trinta atos, 000 presunages fora fattsos du Balberde du Porto toudos nuvinhos in fólha — caquillo in Paris cando foi da revlusão us proves andavam que inté eram um brinquinho — dois Senas, cendo um ator i u outro rio, a çala da convinsão, u patto da Conserjeria, etc., etc. O Inredo é toudo istorico fetto de claburasão entré u Sardu i u André Brum, que descubrio que us tais proves nan tñham cuecas (pur fora cordas de viola pur drento pão bulorento) que na revlusão ouve um gato tigre i outras isquistices cus talaças inbentaram contra u Robespierre u Danião i outros repuvlicanos istoricos que ven a cer pesudónimos du sr. Bornardino Maxado, Affonso Costa i outros tudo xeio de piadas pur elles no dia 5 de outubro ce decharem istar munto bom alapradados in casa á ispera du que déce i vinhece. Ora na pessa á uma grande talaça que é inlila d'Uli-vêira cuja esta gosta du repuvlicano Carlos Santos mas purmetteu cer frê-ra. U Ferrêra da Silva tamen é munto repuvlicano, (istás a vêr, ó Zefa) mas nan pode ver curtar tanta cabeça i inlão faz-se impregado na repratissão dus presos — dos detidos, sigundo lá



se dis — i dá cabo dus purseços cum munta abelidada cuja esta cunteste im amachucar us purscessos, amacatos cum auga i ir dellallos ó Cena cum a Paz Rodrigues. Ena que trabalhão! Na repração ninguém precebe nada da tramola porque u Ferrêra pranta uns óelus azuis i finje que é gago. Ós pois prendem a inlila, u Ferrêra i mal o Calros querem calvalta, mudamle u purseço, ós pois dizem que ela istá graveda mas isto é que tó caroxo ca inlila é toda onradezes i cando le tocam na berjinda e antes quer morte que tal corte. Ela aim val ós pois pró cadefalso mas iço vai ella que é crisa: u Calros, u Ferrêra i mal us figorantes nan delcham paçar a carrossa us gendarmes tñham as ispingardas incravadas i cumo u Tiadoro Robespierre já istava nu limosiro u Calros abra-se á inlila na çara de toudos i diz que vai cazar cum ella i a pessa

EM FOCO

O actor Mario de Campos



*Desde que me conheço (não lhes digo
Ha quantos anos foi, ha quanto inverno)
Oíço dizer que é mau o que é moderno
E que só era bom o que era antigo.*

*«O artista d'hoje, diz-me certo amigo,
Ao pé dos d'hontem, vá para o inferno!»
Este modo de ver será eterno,
Comtudo percebê-lo não consigo.*

*Desculpe quem tais coisas apregóa
Mas sempre houve, asseguro e até repito,
Má gente e ao mesmo tempo gente boa.*

*Este, que acima em grande letra eu cito,
Actor dos mais queridos de Lisboa
Pertence á boa gente — e tenho dito.*

BELMIRO

acaba inlím, finalmente lá pella 1 ora da noite cum xamadas ó ótor i cum muito agrado presepalmente du ato da convinsão pur cinal cus convinsionais agora é que ce sabe que era tudo caxupada de minor idade i que devem ter dado um trabalhão ó Carlos Santos prós prantar na orde porque a berdade é que touda aquela desorde istá cum muita orde i u Calros meresse muntos intujos. Cum isto nan te infado mais i arresebe muntas alimbransas deste tê criado i ubrigado ca vida te deseija i mal a quem pur mim préguntar inté mais ver ce deus quixer.

Jerolmo

Emprezario do Paultiteama de Peras Rulvas.

Botanica astronomica

Como se sabe, a segunda publicação humoristica do paiz, isto é, a que nos é immediatamente inferior em chalaça, é o «Diario do Governo». No emtanto, ás vezes insere coisas s rias, como a que se vai ler e que transcrevemos do sumario do numero 34, de 17 do corrente, do mesmo «Diario»:

«Decreto 7325, autorisando a Faculdade de Sciencias da Universidade do Porto a estabelecer um observatorio astronomico destinado ao ensino da botica da mesma Faculdade».

Haverá quem se admire d'esta associação da botanica com a astronomia, mas tal a admiração cessará logo que se modite um pouco no assunto. Pois não é mais que sabido que, por exemplo, a lua tem decidida influencia sobre a flora terrestre, em especial sobre o crescimento dos papinos?

O nove observatorio, ao que se lê,

decerto possnirá telescopios de tal poder que se vejam, por exemplo, os nabos de Mercurio, os rabanetes de Sa-



turno, as conves galegas de Marte, etc., etc.

O que a sciencia em Portugal tem adelantado — «es una barbaridad!»

DE FÓRA

29 de Fevereiro

*A' sempre jovem Bêbê, gloria inicta
Vejam lá quem adivinua
Este enigma duro e atro:
Que menina formosinha
Faz anos de quatro em quatro?*

*Que essa linda criatura,
Com a beleza que ostenta,
Chegue, plena de ventura,
Aos que faz... só, aos noventa.*

Zê da Alpaca

Esperanças



— Não nos dá sorte nenhuma!
— Esperemos a baixa dos preços...